

Para Secretaria de Saúde, soldado morto pela doença não se contaminou no Batalhão da Guarda Presidencial. Agora são rastreados todos os locais por onde a vítima passou

SMU fora da área de risco

GUILHERME GOULART

DA EQUIPE DO CORREIO

A Secretaria de Saúde do Distrito Federal descartou a possibilidade de o soldado Gabriel Leandro Fortunato, 19 anos, ter contraído hantavirose nas proximidades do Batalhão da Guarda Presidencial (BGP), no Setor Militar Urbano (SMU). Relatório preliminar feito por técnicos da Zoonoses desconsiderou o batalhão, onde o jovem estava lotado, como área de risco. As visitas ocorreram no fim da última semana, pouco mais de 15 dias após a morte do soldado em decorrência da doença.

A diretora da Vigilância Ambiental do DF, Miriam dos Anjos Santos, revelou que nem mesmo ratos silvestres – os hospedeiros do hantávirus – foram encontrados no local. “Ali, não há condições para a circulação do vírus. Não é um ambiente propício para o roedor”, explicou. O laudo definitivo com os detalhes sobre os possíveis locais de infecção da vítima será divulgado até a próxima semana.

Os especialistas continuam as investigações nas proximidades do SMU e na casa da família de Fortunato, em Valparaíso (GO). Eles estiveram na moradia do sol-

dado ontem. Desde o início do ano, a Secretaria de Saúde confirmou 13 casos de pessoas contaminadas pela doença no DF e Entorno – os registros são de Planaltina, Brazlândia, Paranoá, Gama, São Sebastião, Taguatinga, Cristalina e Valparaíso. Quatro vítimas morreram.

O levantamento sobre o caso de Fortunato também levará em conta as áreas por onde ele passou nos últimos 60 dias – o prazo de incubação do vírus varia de 45

dias a dois meses. Apesar do relatório preliminar, a família tem duas hipóteses para explicar a contaminação. Uma delas é que o rapaz pegou a doença no próprio BGP, onde teria feito uma limpeza geral em um galpão, um dia antes de sentir dores no

corpo. Mas o Centro de Comunicação Social do Exército nega que o soldado esteve de serviço no dia indicado pelos parentes.

A família também suspeita de contaminação em um clube do Exército, próximo à Taguatinga, onde o soldado participou de um churrasco com os colegas de batalhão em 15 de julho. “Ele voltou dizendo que lá tinha muito mato. Se a contaminação não foi em um desses lugares, não sei onde pode ter sido”, resumiu a mãe de Fortunato, Tânia Mara de Lima, 48.

Carlos Vieira/CB



NILTON GONÇALVES CINTRA SOBREVIVEU AO HANTÁVIRUS. PARENTES AGRADECEM À EQUIPE DO HOSPITAL DE TAGUATINGA

Atendimento

A maior preocupação dos parentes, porém, é saber se houve negligência no atendimento do rapaz. O jovem sentiu os primeiros sinais da doença em 21 de julho, 48h antes de morrer. Recebeu atendimento no mesmo dia, na enfermaria do BGP. Ao voltar para casa, queixou-se de dores na cabeça, nas costas e no peito. A mãe o levou, então, ao Posto de Saúde de Valparaíso, onde receberam Dipirona.

Pela manhã, Fortunato continuava indisposto, mas voltou

ao BGP. Mais uma vez, apresentou-se à enfermaria. Levou duas injeções com antibióticos, antiinflamatório e analgésico. Recebeu alta, mas passou mal à noite, em casa, e acordou sem forças para tomar banho. Tânia o levou direto para o Hospital das Forças Armadas (HFA). Ele deu entrada no hospital às 10h40 e morreu às 13h. “Alguma coisa foi feita errada,” encerra a mãe da vítima.

Enquanto uma família busca informações, outra agradece. Os parentes de Nilton Gonçalves

Cintra, 58, colocaram uma faixa em frente ao Hospital Regional de Taguatinga (HRT) em agradecimento ao tratamento dado ao chacareiro. Ele deu entrada no centro clínico com 2% de chance de sobreviver à hantavirose, em 24 de junho. Ficou internado até 20 de julho, quando recebeu alta. “Meu pai já começou a ensaiar os primeiros passos. Se tudo deu certo, foi por causa da assistência no HRT”, comemorou Alex Gonçalves Cintra, 30, filho de Nilton, que é morador do Núcleo Rural Ponte Alta, no Gama.